

A Leitura à luz do Círculo de Bakhtin: Uma Abordagem Dialógico-Interacionista

Reading in the light of the Circle of Bakhtin: A Dialogical- Interactionist Approach

Francisco Rogiellyson da Silva Andrade*

* Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza - CE, 60020-181,
e-mail rogiellyson@yahoo.com.br

Resumo: Neste texto, que é derivado de nossa Dissertação de Mestrado, tivemos como objetivo refletir acerca do que aqui chamamos de concepção bakhtiniana de leitura, à luz dos pressupostos do Círculo de Bakhtin. Com essa intenção, inicialmente, empreendemos algumas considerações acerca dos pressupostos delineados pelo Círculo acerca do princípio dialógico da linguagem, bem como acerca do conceito de interação e discurso formulado por esses pensadores. Embasados nesses fundamentos, podemos, assim, refletir acerca do ato de ler, construindo uma concepção à qual damos o nome de dialógico-interacionista, que entende a leitura como um evento único e irrepetível de interação e que requer um leitor responsivo-ativo, portanto que produz sentidos que dialogicamente se constroem. Consideramos que essa abordagem de leitura contribui e está na base do entendimento do conceito de letramentos, que propõe as atividades mediadas pela escrita como prática social.

Palavras-chave: Concepções de leitura. Abordagem dialógico-interacionista de leitura. Pressupostos bakhtinianos.

Abstract: In this text, which is derived from our Master's Dissertation, we aimed to reflect about what we term here of the Bakhtinian conception of reading, in the light of the assumptions of the Circle of Bakhtin. With this intention, initially, we undertook some considerations about the assumptions outlined by the Circle about the dialogical principle of language, as well as about the concept of interaction and discourse formulated by these thinkers. Based on these fundamentals, we can, therefore, reflect on the act of reading, building a conception, which we named the dialogical-interactionist, which understands reading as a unique and unrepeatable event of interaction and which requires a responsive-active reader, therefore which produces meanings that dialogically are constructed. We believe that this approach of reading contributes to and underlies the understanding of the concept of literacies, which proposes activities mediated by writing as a social practice.

Keywords: Reading conceptions. Dialogical-interactionist approach of reading. Bakhtinian assumptions.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As reflexões bakhtinianas sobre a linguagem têm sido evocadas em um sem número de estudos em Linguística. A teorização desse autor acerca do processo de interação influencia demasiadamente a linguística em suas diferentes vertentes de estudo, inclusive no campo do ensino/didática de língua. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998) e, mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), a exemplo disso, evocam diretamente as reflexões de Bakhtin para apoiarem seus projetos acerca do processo de ensino e aprendizagem de língua. Em função disso, defendemos que também nas reflexões do Círculo de Bakhtin encontramos guarida para pensar a leitura. O conceito de interação construído pelo autor aqui nos interessa, pois antevemos, por óbvio, que a leitura é também um processo de interação tal como elucidam suas reflexões.

A partir disso, neste ensaio, objetivamos analisar as contribuições do Círculo para uma concepção de leitura que aqui denominamos dialógico-interacionista. Kleiman, Silva (1999), Koch e Elias (2012), por exemplo, já empreenderam importantes contribuições acerca das concepções de leitura. A nosso ver, porém, ainda se faz necessário analisar-se de maneira mais dedicada nos escritos do Círculo de que maneira as ideias bakhtinianas contribuem para o entendimento da interação que se dá via leitura.

Acreditamos ser essa reflexão importante para o conceito de letramentos, já que, na proposta elaborada por Street (2014), Kleiman (1995) e Soares (1999), por exemplo, à qual se vinculam muitos dos documentos nacionais, as práticas de leitura se circunscrevem às instituições sociais em torno das quais se efetivam, considerando aí os embates discursivos e as relações de poder entre os sujeitos do contexto de interação.

A fim de empreender essa análise, a seguir, apresentamos as considerações do Círculo de Bakhtin acerca da linguagem e do processo de interação. Após, apresentamos como esses conceitos podem abalizar uma abordagem de leitura e, portanto, de uma abordagem acerca dos letramentos. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

PRESSUPOSTOS BAKHTINIANOS

Bakhtin/Volochínov (2006)¹ afirma que os sujeitos nunca têm contato com o real, ou seja, o contato entre estes e a realidade se dá sob a mediação de semioses. Nesse contexto, o autor propõe que é via linguagem que nos percebemos e nos definimos, portanto construímos nossa subjetividade:

[...] a personalidade do falante, sua atividade mental, suas motivações subjetivas, suas intenções, seus desígnios conscientemente estilísticos, não existem fora de sua materialização objetiva na língua. É claro que fora da sua expressão linguística, mesmo que só no discurso interior, a personalidade não existe nem para si mesma nem para os outros. Ela só pode perceber clara e conscientemente alguma coisa na sua alma com a condição de dispor de um material objetivo de apoio, de elementos materiais que iluminam a consciência sob a forma de palavras constituídas, de julgamentos de valor e de entoações. [...] A personalidade, com todas as suas intenções subjetivas, com todas as suas profundezas interiores, não é mais que um ideologema. Ora, o ideologema permanece informe e instável enquanto não for determinado graças aos produtos mais estáveis e elaborados da criação ideológica. [...] É a língua que ilumina a personalidade interior e a consciência, que as cria, diferencia e aprofunda, e não o contrário. O devir da personalidade situa-se na língua: não tanto, é verdade, nas suas formas abstratas, mas nos seus temas ideológicos. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 192-193).

Nesse construto, Bakhtin/Volochínov (2006) assevera que os sujeitos se reconhecem na e pela língua, que, nessa interpretação, é formada por signos carregados de valores socialmente estabilizados. Como os valores sociais são mutáveis, também os sujeitos, resultantes e definidos por signos ligados a esse processo, não são ideologicamente estáveis. Na metáfora do autor, a consciência individual é um “inquilino do edifício social dos signos ideológicos” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 34). Tal metaforização reforça a relação que o sujeito constrói com a língua, algo sem o que ele não consegue pensar sobre si nem agir socialmente.

A partir dessa perspectiva, Bakhtin/Volochínov (2006) realiza uma forte crítica ao psicologismo abstrato e ao formalismo linguístico, que entendem a língua como um sistema abstrato e autônomo. Reacionário a isso, o autor advoga que a língua é carregada de significações construídas a partir de aspectos culturais e sócio-historicamente demarcados. Isso significa dizer que a sociedade é uma semiose e, portanto, vivemos nesse emaranhado de textualidades, seja de nós mesmos seja acerca do(s) outro(s). Assim, estamos sempre envolvidos em representações que, como assevera Bakhtin/Volochínov

¹ Neste texto, não discutimos acerca da questão da autoria dessa obra. Em função disso, preferimos colocar o nome dos dois autores, já que nos interessa, principalmente, suas contribuições teóricas.

(2006), se erigem a partir dos discursos e das posições sociais que, via linguagem, apoiamos.

Acerca disso, afirma o autor que “Viver significa tomar parte do diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder, estar de acordo e assim por diante” (BAKHTIN, 2011, p. 293). É nesse diálogo de que os sujeitos tomam parte em que se constrói a subjetividade, de maneira que esta se fundamenta a partir dos diálogos infintos existentes entre os discursos, no âmbito da alteridade e da intersubjetividade, tal como explica Faraco (2003), pois, segundo essa concepção, “Eu não posso me arranjar sem o outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro para encontrar um outro em mim” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 287).

Nessa perspectiva, a interação é um ato responsivo realizado pelos sujeitos, em que os signos, ideologicamente construídos, estão sempre modelando a percepção da realidade, pois são mediadores de capitais culturais socialmente estabilizados. A interação, no entendimento de Bakhtin/Volochínov (2006), é um evento único e irrepitível, pois somente ela é capaz de recuperar e atualizar os mecanismos ideológicos da língua. Isso acontece porque, na dinâmica da interação, os signos não apenas refletem, mas principalmente refratam a realidade, o que significa dizer, na concepção bakhtiniana, que a significação está, na interação, enviesada a partir de seus resultados semânticos sócio-historicamente construídos, atualizados pelas escolhas sígnicas responsivas realizadas pelos sujeitos no contexto discursivo da interação.

Esse entendimento decorre do fato de, nesse processo, os sujeitos e, portanto, a construção de seus discursos, serem permeados por motivações subjetivas decorrentes das relações dialógicas, princípio que, nessa teorização, é intrínseco ao processo de interação. As relações dialógicas dizem respeito ao fato de que os enunciados produzidos pelos sujeitos estão sempre na esfera do discurso, ou seja, os interactantes não percebem os signos como unívocos e abstratamente definidos, mas como posicionamentos valorativos acerca da realidade, os quais dialogam com outros posicionamentos já existentes, pois

Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. [...] Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. [...] O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos

conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. [...] Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições. (BAKHTIN, 1997, 317).

Dessa maneira, o enunciado é sempre resultante de um discurso, de um valor social e de uma tomada de posição frente aos discursos e aos valores já existentes. Esse posicionamento, atitude responsiva do sujeito, corresponde a uma resposta, consciente ou não, a enunciados já conhecidos pelos falantes, de modo que o que é dito sempre entra em relação com outros enunciados, portanto com outros discursos e valorações, uma vez que o “[...] locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear” (BAKHTIN, 1997, p. 320) e a significar, mas alguém que mobiliza, (re)constrói e produz discursos no largo da interação.

Tais relacionamentos entre os enunciados nem sempre ocorrem no âmbito da concordância, mas, na verdade, no espaço de tensão entre os valores pré-estabelecidos. Amorim (2018, p. 107) elucida que o diálogo, no sentido bakhtiniano, nada tem de harmônico. Conforme a autora, “Diálogo [...] é muito mais uma arena. Discussões, discordâncias, mas também um profundo entendimento. Mas é um entendimento que altera.” Essa alteração ocorre em função de o dialogismo, com base ainda em Amorim (2018), ser o enquadre que permite e faz funcionar a produção de sentido(s), permitindo que, mesmo no âmbito da concordância, alterações recíprocas entre os sujeitos ocorram nesse evento único e irrepetível que é a interação, o qual é mediado pela linguagem, dialógica por excelência.

Vale ressaltar que essa tensão, instaurada pelo dialogismo, nas palavras de Amorim (2008, p. 111), “não é algo negativo nem algo a ser superado. Ao contrário, ela é constitutiva da criação humana, porque ela é o que atesta a presença do outro, daquele que não se identifica comigo, daquele que me escapa e a quem minha palavra se dirige”. Em corroboração a essa percepção, Marchezan (2018, p. 123) acrescenta que o dialogismo, nessa visada, é entendido “como reação do eu ao outro, [...] como ponto de tensão entre o eu e o outro, entre círculos de valores, entre forças sociais”.

Assim, a proposta bakhtiniana, conforme Silva e Almeida (2013, p. 120), percebe a língua a partir de “um caráter verdadeiramente social, carregado de ideologia, história e vivências cotidianas [...] que se realiza dentro das práticas sociais, nos mais diferentes grupos, nos mais diversos e infinitos momentos, em todas as formas de comunicação”. Portanto, concebe-se que o dialogismo é, nessa proposta, o princípio fundamental que fia a linguagem.

Isso ocorre porque, como afirma Bakhtin/Volochínov (2006), a língua não é formada por signos neutros, ou seja, os signos são ideologicamente resultantes das esferas sociais que demarcam sua significação, bem como das intenções comunicativas dos sujeitos e dos contextos enunciativos em que se encontram. A palavra, tal como no dicionário, poderia ser entendida de uma forma neutra, monovalente. Os signos, pelo contrário, carregam consigo toda a força social dos discursos de que são decorrentes. Isso é esclarecido quando Bakhtin/Volochínov (2006) confirma que os locutores não utilizam os signos como realidade neutra, mas como o meio pelo qual, no contexto em que interagem, é viabilizada a significação que querem construir. Dessa maneira, conclui Marchezan (2018, p. 120) que

a significação do diálogo depende diretamente da situação, que, assim, pode-se dizer, também o constitui. Essa íntima dependência expõe claramente a natureza social do diálogo cotidiano, e se mostra exemplar para o entendimento da linguagem como um todo [...]. A essa perspectiva, interessa não a palavra passiva e solitária, mas a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais, vinculada a situações, a falas passadas e antecipadas.

Considerando isso, conclui Cavalcante (2019) que, nessa proposta, o contexto de produção não é, como pensado por muito tempo, externo ao texto, nem mesmo os sujeitos e nem todas as condições que o produzem são. Na verdade, todas essas dimensões fazem parte do texto, justamente porque a compreensão só se efetiva quando consideras todas elas, já que conferem a unidade única e irrepetível que caracteriza a interação. Dessa maneira, o Círculo de Bakhtin advoga pelo entendimento da língua não como uma norma que se impõe aos falantes, mas como um sistema plástico, atualizável e, principalmente, conformado por discursos, pois a interação verbal é a realidade que constrói a razão de ser da língua, ou seja, nas dinâmicas verbais, é aquela que transforma e define esta.

Para sintetizar esse construto teórico, a seguir, apresentamos um quadro que resume a teorização bakhtiniana acerca da língua.

Quadro 1: Pressupostos da teorização bakhtiniana acerca da língua

	Perspectiva Bakhtiniana
A língua é uma...	realidade viva e em evolução.
As leis da língua são...	de natureza social; dialogizantes.
A ligação entre os elementos linguísticos é vista como...	- ideológica; - um amalgamar de significados e efeitos de sentido;

	- orientada pelo contexto.
Realidade linguística é	interação verbal realizada através da enunciação
Concepção histórica da língua é	produto de uma interação socialmente situada.
Representantes	Bakhtin
Raízes	Marxismo Materialismo dialético

Fonte: NOVAIS (2008, p. 85).

A interação, portanto, na visão bakhtiniana, é um jogo de tensão social, em que os sujeitos defendem posicionamentos valorativos acerca da realidade, pois “[...] o enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para o discurso do outro acerca desse objeto” (BAKHTIN, 1997, p. 320). Nesse construto, a língua é atualizada pelas próprias dinâmicas do cotidiano.

A partir dessa discussão, que entende a linguagem como dialógica, no tópico a seguir, apresentamos nossas reflexões acerca do ato de ler considerando os pressupostos delineados pelo Círculo de Bakhtin sobre os quais aqui discorreremos.

A LEITURA À LUZ DO CÍRCULO DE BAKHTIN

A leitura, como uma interação entre produtor e leitor, mediada via texto, a nosso ver, se insere na perspectiva de interação tal como propõe o Círculo de Bakhtin. Ou seja, assim como percebe Bakhtin/Volochínov (2006), produtor e leitor, mesmo que em momentos e contextos diferentes, mobilizam suas ideologias para interagir, a partir dos elementos empregados pelo texto, sejam eles verbais ou não.

Nessa esteira, a escrita medeia interações verbais que requerem interlocutores responsivos. Assim, o leitor tem a responsabilidade de evocar contextos situacionais, ideologias, confrontações e conhecimentos no ato de ler. Tal como afirma Cavalcante (2019), o sentido não preexiste ao texto nem mesmo está nele, mas, na verdade, é negociado, co-construído, pelos sujeitos engajados no processo de interação. No contexto disso, a leitura é vista como um processo em que se deve levar em consideração as intenções e os elementos linguísticos utilizados pelo autor, mas também “[...] as experiências e os conhecimentos do leitor” (KOCH; ELIAS, 2012, p. 11), bem como os discursos e ideologias evocados pelos construtos sócio-históricos em que se circunscrevem os sujeitos.

Na perspectiva dessa abordagem, enquanto o produtor revela seus discursos e ideologias por meio, por exemplo, de escolhas linguísticas e estruturas gramaticais, o leitor recupera esses construtos com vistas à compreensão. Assim, a leitura é percebida como interação, o texto, como o lugar onde se dá esse processo, de modo que aspectos sociais e discursivos se imbricam:

[...] **o sentido** de um texto é **construído na interação texto-sujeitos** e não algo que preexista a essa interação. **A leitura** é, pois, uma **atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos**, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer um conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH; ELIAS, 2012, p. 11, grifos das autoras)

Com base nessa proposta, como afirma Silva (1999), qualquer concepção de leitura que despreze elementos sociais, histórico-culturais e ideológico-discursivos do processo de construção/produção/negociação de sentidos é, na visão desse autor, uma abordagem redutora do ato de ler, bem como, acrescentamos, da própria linguagem.

Numa visão oposta à da redução da leitura, o leitor deve ser alguém ativo na busca pelos sentidos do texto. Sua leitura deve estar atenta às ideologias evocadas ao longo do construto textual. Como assevera Bakhtin (1997), os gêneros revelam discursos não somente por meio de itens lexicais, gramaticais e/ou fraseológicos nem somente pela temática a ser tratada, mas também pela organização retórica por meio da qual esses elementos linguísticos organizam a temática. Portanto, o leitor deve ser alguém que “[...] concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar [...]” (BAKHTIN, 1997, p. 291), pois, na concepção de Bakhtin (1997, p. 292), o que o escritor espera não é uma recepção passiva que apenas duplicaria seu pensamento, mas “[...] uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução [...]”, ou seja, o ato de ler revela a tensão discursiva intrínseca ao processo de interação, justamente por seu caráter fundamentalmente dialógico.

Para alcançar essa atitude responsiva do leitor, o produtor de texto, a partir da manifestação de sua individualidade e de sua visão de mundo, realiza uma influência didática sobre o leitor, a fim de levá-lo à adesão dos discursos mobilizados pelo texto. Nesse construto, as palavras do autor ressoam dialogicamente com as visões de mundo do leitor e, por isso, provocam a transformação deste:

É por isso que a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode, em certa medida, definir como um processo de *assimilação*, mais ou menos criativo, das *palavras do outro* (e não *das palavras da língua*). Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (BAKHTIN, 1997, p. 315).

As relações dialógicas, nessa perspectiva, não somente dizem respeito à dialogicidade entre discursos, mas também, o que está embutido nesse entendimento, ao diálogo existente entre o discurso do autor e as experiências individuais do leitor, as quais, pela leitura, devem ser redimensionadas, visando a transformação deste. É por isso que se advoga que os textos evocam múltiplos sentidos. Ora, além de os construtos ideológicos mudarem ao longo da História, também os leitores percebem diferentemente os enunciados, portanto efetuam diálogos discursivos diferentes a partir do que leem. Podemos afirmar, ancorados nas reflexões bakhtinianas, que os diálogos completam os sentidos, ou seja, as inferências do leitor, ancoradas no dialogismo, são responsáveis pela construção da compreensão.

A palavra compreensão também parece ser cara ao construto filosófico do Círculo de Bakhtin, pois é uma discussão diluída em suas obras. Para Bakhtin/Volochínov (2006), a construção da consciência individual, como discutimos no tópico anterior, se fundamenta no diálogo ideológico dos discursos sociais em que se inserem os sujeitos. Nossa consciência, segundo essa perspectiva, não se constrói a partir de uma inteligência abstrata e neutra, mas por meio dos construtos ideológicos de que somos resultantes e pelos quais somos influenciados incessantemente. Assim, também a nossa compreensão dos textos que lemos se constrói dessa maneira. Nessa visão, só compreendemos os signos que dialogam com aqueles já ideologicamente enraizados em nossa consciência, de modo que tendemos sempre a interpretá-los a partir da ideologia individual à que nos vinculamos.

Essa reflexão parece dialogar com o que Freire (2003) e Freire; Macedo (1994) afirmam ser necessário à aprendizagem da leitura: o diálogo entre a leitura do mundo e a leitura da palavra. Ou seja, a aprendizagem da leitura deve tomar como ponto de partida as experiências sociais dos sujeitos, de modo a não parecer que é algo fora da realidade social em que se engajam, pois, do contrário, a compreensão não se efetivará. Inclusive,

Bakhtin/Volochínov (2006) afirma que a consciência só é construída quando perpassada pelas ideologias, que, por sua vez, são presentificadas pelas interações. Dessa maneira, pode-se perceber que só há compreensão leitora quando esta se torna um processo de interação tal como teoriza o autor (2006, p. 96, grifos do autor) ao afirmar que “*A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida*”.

Isso ocorre porque, na perspectiva de Bakhtin/Volochínov (2006), os sujeitos, como vimos acima, não percebem os signos de forma monovalente, mas entendem que estes se adaptam às dinâmicas sociais da interação. Desse modo, em diálogo com o que discute Leffa (2012), o processo de compreensão não pode se confundir com uma mera identificação dos signos ou como uma coleta das intenções do autor, mas sim a partir da adaptação destes à consciência discursiva do leitor, até porque, mesmo uma tentativa de coleta das intenções do produtor, será sempre uma versão produzida pelo leitor.

Acerca disso, para Leffa (2012), interpretar e compreender são atividades diferentes, mas necessárias à construção dos sentidos. A primeira preocupa-se com a coleta das informações fornecidas pelo texto, ou seja, interpretar significa entender o que, por meio da materialidade textual, quis dizer seu produtor. Dessa maneira, o leitor apegasse, de forma imanente, ao material fornecido pelo texto, a fim de construir seu entendimento. Nessa perspectiva, cabe ao interpretante colher o significado contido no objeto, pois, nessa etapa, o leitor “[...] não inventa e nem cria, ele apenas reproduz o que supostamente preexiste na sua frente. Em suma, [...] o significado emerge do próprio objeto em direção ao leitor” (LEFFA, 2012, p. 260). Significa dizer, portanto, que, colocando-se como intérprete, o leitor “[...] faz uma leitura de mão única, recebendo passivamente as informações, sem voz para interagir ou dialogar com o texto. É alimentado diretamente pelo que lê” (LEFFA, 2012, p. 260).

De maneira diferente, mas dependente da interpretação, a compreensão, segundo Leffa (2012), é o ato de produzir sentido ao texto, ou seja, compreender é uma maneira de o leitor significar o texto a partir de sua história de vida e de suas representações sociais, respeitando, obviamente, a interpretação realizada. Tal ideia de compreensão entende que tanto textos quanto leitores passam por um processo de confrontação ou, nos termos utilizados anteriormente, de negociação de sentidos. Esse processo se inicia na interpretação, mas somente se concretiza na confrontação do texto com a realidade do

leitor, etapa que ocorre na compreensão, ou seja, quando ocorre uma transformação recíproca entre texto e leitor.

O dialogismo, nessa direção, também é constitutivo da compreensão. Na interação, como assevera Bakhtin (1997), é necessário que, uma vez envolvido numa atitude responsivo-ativa, o leitor aloque os signos nos contextos ideológicos de que resultam, de modo a corresponder suas palavras (também ideológicas) às do texto lido, como numa réplica. É assim que Bakhtin/Volochínov (2006, p. 135, grifos do autor) define ser a compreensão uma forma de diálogo, pois, segundo ele, “Compreender é opor a palavra do locutor uma *contrapalavra*”. Depreendemos disso que, sendo a compreensão uma das maneiras por que se realiza o diálogo, o qual, por sua vez, é constitutivo da interação, o ato de compreender se concretiza no espaço de tensão discursiva, ideológica e social em que se efetua a enunciação.

Em Bakhtin (1993), a questão da responsabilidade ativa do sujeito no ato de compreender fica ainda mais clara, quando o autor afirma que não se trata de o leitor injetar em si o discurso lido, como se afirmaria numa concepção que entende o leitor como alguém que deve captar as ideias do produtor. Na verdade, o que ocorre é uma identificação, uma empatia. Assim, uma vez que a interação é um evento único e irrepetível, a empatia se constrói ao longo desse processo, de modo que tanto texto quanto leitor são enriquecidos. Ainda segundo Bakhtin (1993), esse enriquecimento do leitor ocorre porque ele não é um ser imutável, mas se constrói e se reconstrói a partir de suas interações, portanto também por meio de suas leituras.

Entende-se que o leitor se envolve numa viagem, a partir de uma atitude passional, por meio da qual se transforma. Bakhtin (1993) afirma que, uma vez que as semiologias alcançadas pelos sujeitos constroem efeitos de sentido, não lhes permitindo ter acesso ao real propriamente dito, as interações são sempre uma tentativa de os sujeitos encontrarem a si mesmos.

[...] este mundo é fundamentalmente e essencialmente indeterminável, seja em categorias teóricas, seja em categorias da cognição histórica, ou através da intuição estética. [...] Isto é, em nenhum caso nós temos a realização em sua plenitude – na unidade e interpenetração do fato-realização-sentido-significância único e nossa participação nele (porque o mundo dessa realização é unitário e único). A tentativa de encontrar-se a si mesmo no produto do ato-ação da visão estética é uma tentativa de lançar-se no não-Ser, uma tentativa de abandonar tanto minha auto-atividade do meu lugar próprio único situado do lado de fora de qualquer ser estético, quanto a sua plena realização no Ser-evento. [...] A pura empatia seria, de fato, uma queda do ato-ação em

seu próprio produto, e isso, é claro, é impossível. (BAKHTIN, 1993, p. 34, grifos do autor).

Assim, a partir dessa teorização, podemos entender que a leitura é uma atividade por meio da qual o sujeito compreende a si mesmo, ou seja, se autocompreende. Essa interpretação decorre do fato de, como Bakhtin (1993) afirma, o sujeito só compreender os objetos a partir das posições em que se encontra, isto é, a partir de suas perspectivas sociais já experienciadas. Vinculada a essa perspectiva, Kato (1990, p. 57) afirma que, “Quando dizemos que, ao ler, acompanhamos o pensamento do autor, na verdade estamos dizendo é que entendemos o texto imaginando-nos como seus produtores”, de maneira que, na leitura, o que ocorre é uma espécie de solilóquio do leitor.

O ato de compreender, nessa orientação, é eivado por sentidos que partem muito mais do leitor do que do próprio texto, pois é aquele que completa sentidos, realiza inferências, mobiliza conhecimentos de mundo e, previamente, seleciona objetivos de leitura. Assim, a leitura, muito mais que construção, é produção de sentidos ao texto.

Compreender um objeto é compreender meu dever em relação a ele (a atitude ou posição que devo tomar em relação a ele), isto é, compreendê-lo em relação a mim mesmo no Ser-evento único, e isso pressupõe minha participação responsável, e não uma abstração de mim mesmo. É apenas de dentro da minha participação que o Ser pode ser compreendido como um evento, mas esse momento de participação única não existe dentro do conteúdo, visto em abstração do ato como ação responsável. (BAKHTIN, 1993, p. 35).

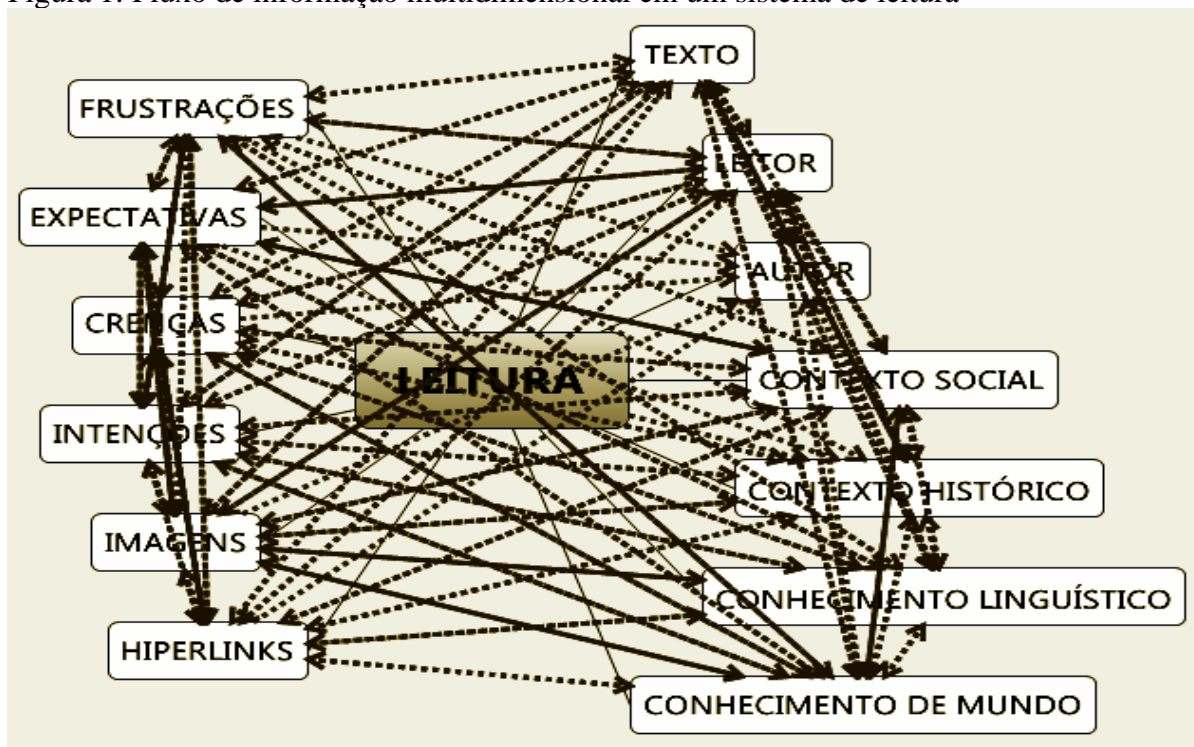
Nessa direção, portanto, evidencia-se que a leitura, enquanto interação e, conseqüentemente, eivada de discursos, também deve ser compreendida na esteira do que propõe o pensamento bakhtiniano. Com base nisso, Silva (1999) sintetiza que 1 – ler é interagir, pois o leitor interage com o autor, de modo a confirmar e refutar informações; 2 – ler é produzir sentidos, pois, nesse processo de interação, os leitores produzem sentidos ao que leem, de modo que o sentido não é único e estável, mas, pelo contrário, modelável e nunca repetível; 3 – *ler é compreender e interpretar*, pois, para Silva (1999), ao ler, o leitor realiza um projeto de compreensão que se realiza num processo de interpretação, ou seja, “o processo de interpretação demarca a abordagem do texto pelo leitor de modo que a compreensão vá se constituindo ao longo da leitura em si (Leio sempre a partir das lentes paradigmáticas ou teóricas que foram sedimentadas no meu repertório)” (SILVA, 1999, p. 17).

Para Braggio (1992), assumindo essa proposta como pressuposto da leitura, “leitor e texto não apenas se tocam, mas no [e pelo] processo se transformam” (BRAGGIO, 1992, p. 69). Nesse entendimento, a interação é vista como um processo pelo qual texto e leitor, à medida que interagem, seja num espaço de convergência seja num espaço de divergência, se transformam, numa dinâmica cooperativa em que participam “de uma situação organicamente inter-relacionada” (BRAGGIO, 1992, p. 69). Isso provoca a percepção de que um modelo bakhtiniano de leitura se focaliza no encontro entre texto e leitor, o que resulta em um novo evento, uma vez que “o significado é sempre uma relação entre o texto e o contexto (sócio-histórico-cultural) e não existe à parte da interpretação de alguém daquela relação” (BRAGGIO, 1992, p. 69).

Visto nessa concepção, o ato de ler revela um total protagonismo do leitor, pois é este quem traz toda a bagagem pela qual transformará o texto e irá se transformar via leitura. Nesse pensamento, ressalta Braggio (1992), apresenta-se o caráter demasiadamente complexo e multifacetado da leitura. Segundo a autora, partindo desse pressuposto, evita-se o perigo de se cair no que ela chama de uma concepção de leitor ingênuo, que seria aquele que decodifica, mas não descodifica, ou seja, que entende que a linguagem é monovalente e que apenas repete os discursos, as crenças e os valores da classe dominante, sem criticá-los. “Tanto textos como leitores estão já escritos quando se encontram, mas ambos podem emergir do encontro modificados em certos aspectos cruciais” (SCHOLLES, 1991, p. 106). Chega-se, assim, ao processo de interação de maneira concreta, e não como uma abstração, mas como a realidade que fundamenta a leitura, tal como ocorre com qualquer evento comunicativo mediado por via da linguagem.

Veja-se, na figura construída por Franco (2011), esse caráter multifacetado da leitura:

Figura 1: Fluxo de informação multidimensional em um sistema de leitura



Fonte: Franco (2011, p. 42).

Por meio da figura, é perceptível que inúmeras forças agem, inter-relacionam-se, (co)operam, a fim de que a leitura se efetive. O fato de as setas não somente partirem de cada categoria, mas também atravessarem algumas, revela a transformação dessas dimensões no processo de leitura. A importância disso reside na percepção de, conforme acentua Braggio (1992), o leitor ser concebido numa atividade concreta e, por isso mesmo, protagonista de sua leitura.

Numa síntese dessa discussão, construímos um quadro para apresentar que premissas estão em jogo quando se entende a leitura numa visão a que chamamos, baseados nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, de dialógico-interacionista.

Quadro 2: Proposta dialógico-interacionista de leitura

	Abordagem dialógico-interacionista
Concepção de língua(gem)	Dialógica
Concepção de leitura	Dialógico-interacionista
Fluxo de informação	Dialógico
Papel do leitor	Responsivo-ativo
Significado	Emerge na e pela interação, a partir do diálogo entre os valores ideológica e culturalmente (re)produzidos pelas experiências do leitor.

Fonte: Adaptado de Andrade (2019).

É, portanto, nesse construto que percebemos a leitura se consideramos a teorização bakhtiniana. Compreendemos que tal proposta, se bem observarmos, fundamenta o entendimento do conceito de letramentos tal como formulado por Street (2014), Kleiman (1995, 2010, 2012) e Soares (1998, 2004, 2008), autores que sintetizam uma concepção que entende o letramento como uma prática não somente cognitiva, mas principalmente social. Isso significa dizer que, para além de realizar previsões, inferências, sínteses e análises, as habilidades e competências desenvolvidas para pensar-se o letramento devem se pautar no entendimento dos usos sociais da escrita.

Nesse sentido, os estudiosos do letramento entendem a escrita como uma prática social, na perspectiva em que ela é construída a partir de eventos sociais delineados e legitimados por instâncias autóctones. Segundo Street (2014), a cultura ocidental criou um modelo de letramento elitizado, pelo autor definido como desprovido de características culturais e ideológicas e que não se vale das práticas efetivas de leitura e escrita legitimadas nos diferentes âmbitos sociais, porque as entende como neutras. Além disso, esse letramento, segundo a ótica dominante, deve ser apre(e)ndido, se se pretende construir poder social, sendo ele o único legitimado.

Na perspectiva de Street (2014), há duas visões acerca do letramento. A primeira delas, nomeada de letramento autônomo, percebe o letramento como uma aquisição de habilidades, tal como sintetizamos acima. Mesmo que tente envolver a criticidade, essa concepção de letramento entende a escrita como uma norma que pode ser aplicada a qualquer interação. Por isso, na esteira do letramento autônomo, reflexão sobre contextos, efeitos de sentido e variações linguísticas, por exemplo, não são realizadas, pois o importante é a aquisição de um letramento uno, considerado necessário e eficaz para qualquer contexto de interação, segundo a ótica ocidental.

Em contraposição a isso, Street (2014) constrói uma concepção diferente da primeira, à qual se filia, por ele batizada de letramento ideológico. Nessa proposta, as práticas de escrita são vistas como construções permeadas de sentidos culturais. Assim, o letramento deixa de ser uno e passa a ser visto a partir de uma pluralidade de práticas, já que se modela em função de diferentes mecanismos autóctones de constituição.

Ainda no que se refere à concepção ideológica de letramento, não existem iletrados, já que os sujeitos, em maior ou menor medida, procuram adequar seus projetos a partir das práticas de letramento em que necessitam estar envolvidos, ou seja, na perspectiva disso, como sinaliza Soares (1998), os sujeitos melhor interagem dentro dos discursos sociais aos quais se filiam. O próprio nome ideológico, como afirma Street

(2014), permite entrever não somente a introdução de sentidos discursivos e culturais nas práticas letradas, mas também e principalmente, que relações de poder e autoridade se apresentam e se consolidam via escrita, em oposição ao letramento autônomo, que entende a escrita como destituída desses valores.

Portanto, a concepção de Street (2014), à qual se filiam Kleiman (1995) e Soares (1998, 2004), é a de que a escrita nunca é neutra, mas sempre evoca, reproduz e refrata discursos, tal como teorizam os pressupostos do Círculo de Bakhtin. Em corroboração a isso, Soares (2008) analisa que a representação que a sociedade tem da leitura é a de que o verbo ler é intransitivo, ou seja, o discurso social não pensa *no que, quando, por que* nem *como* se lê, portanto não se analisam as condições em que se realiza a leitura. Quando esses aspectos não são levados em consideração, o leitor passa a ser um receptor. Nessa análise, Soares (2008) procura salientar que a leitura se realiza em contextos discursivos de interação, como assevera a perspectiva bakhtiniana, de modo que não há leitura isenta/neutra, mas todas elas, uma vez estando no universo da interação, são perpassadas por embates advindos dos sentidos que dialogicamente se tensionam nessa arena ideológica construída pela enunciação.

Desse modo, a língua é o lugar de interação que engendra e em que se realizam as práticas sociais. Entrevista nesse modelo, o ato de ler deve “levar em consideração aspectos identitários, discursivos, histórico-culturais, ideológicos e contextuais” (ANDRADE, 2019, p. 62), pois a escrita, enquanto produto cultural da língua, nunca é neutra, mas evoca, reproduz e refrata discursos. Isso se deve justamente por Street (2014) se inserir numa perspectiva etnográfica de letramento, o que significa dizer que é necessário entender as necessidades dos sujeitos nas práticas de letramento da sua cultura, ao invés de levar em consideração um modelo ocidental e elitizadamente homogeneizante.

Nessa ótica, interpretamos que a leitura é endossada tal como teorizamos na proposta dialógico-interacionista, pois é uma interação eivada de tensões fundadas a partir dos diálogos discursivos entre culturas dominantes e locais. A leitura, portanto, não é uma, não é uma prática que se impõe, no âmbito do dever. Ao contrário disso, ela é uma prática plural, eminentemente cultural, que parte de necessidades autóctones.

Percebido nessa ótica, o letramento deixa de ser uno, ou seja, passa não mais a ser pensado como um conjunto de habilidades e competências necessárias para o trato com todo e qualquer texto, para ser visto a partir de uma pluralidade de práticas que dão sentido à escrita nas mais diversas culturas.

Vistas sob a égide dessa pluralidade, as atividades de leitura devem partir do contexto de produção dos textos, das histórias de vida de seus produtores e de seus leitores, das interpretações construídas ao longo do tempo para esses textos, dos discursos e ideologias que atravessam as culturas, entre outros aspectos, pois, nessa conjuntura, os textos são produtos e produtores, bem como reflexos e refratores de valores sociais que são veiculados socialmente.

Acerca da construção da criticidade, interior ao conceito de letramentos, é necessário perceber que, como produto cultural, através da escrita, relações de poder e de autoridade se apresentam e se consolidam (ANDRADE, 2019). Portanto, somente um sujeito crítico, que se entende como protagonista das relações sociais que se estabelecem, é capaz de agir socialmente através da escrita, pois suas capacidades e habilidades de interação a serem desenvolvidas não podem ser ingênuas, mas devem lhe possibilitar transitar e se engajar no corpo de valores sociais em que necessita estar imerso.

Nessa proposta, para formar um sujeito ideologicamente letrado, ao propor atividades de leitura, deve-se suscitar a análise dos recursos utilizados nos textos, refletindo acerca do contexto de sua produção, das considerações acerca de seu autor, do público-alvo a quem o produtor se destina, do gênero discursivo que engendra o texto, das possibilidades inferenciais permitidas pelo texto, aspectos analisados com vistas à produção de sentidos pelo leitor, que, num contexto sócio-histórico diferente do de produção, irá assumir uma postura responsivo-ativa (ANDRADE, 2019; BAKHTIN, 1997, [VOLOCHÍNOV] 2006, 2011).

Nesse intento, a nomenclatura e a metalinguagem, ainda que às vezes necessárias, tornam-se coadjuvantes diante da importância de se perceber que os usos linguísticos não são neutros, mas, pelo contrário, demarcam posicionamentos valorativos de seu produtor com o objetivo de concretizar a adesão de seu leitor.

Nessa esteira, alguém criticamente letrado deve perceber a atividade de análise textual como um processo em que construtos sócio-históricos e culturais se apresentam para o leitor, como maneira de adesão e de confronto, a fim de que este se identifique ao mesmo tempo que produz sentidos aos textos.

A partir disso, é perceptível que a leitura é uma prática social e, sendo assim, mesmo que seu ensino esteja vinculado à escola, sua realização se dá em sociedade e sua importância se revela a partir do engajamento dos indivíduos nas diferentes instituições de que participam. Por isso, é necessário construir um contexto de leitura socialmente concreto para efetivar essa prática. É, inclusive, nesse escopo em que se fundamentam as orientações empreendidas pelos PCN (1998) e pela BNCC (2018), justamente porque se

sabe que os textos emergem de situações de produção legitimadas socialmente. Sem uma situação delimitada, não há texto real, portanto não há interação de fato. Assim, como sintetiza Kleiman (2010), as práticas sociais são o ponto de partida e de chegada do processo de leitura, tendo em vista que é delas que fazem emergir as necessidades de interação mediadas por gêneros discursivos.

Com essa discussão, partimos, a seguir, para nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, procuramos deslindar melhor como os pressupostos bakhtinianos podem nos fazer refletir acerca da leitura. Assim, inicialmente, discutimos os principais conceitos concernentes à teorização do Círculo de Bakhtin. Com isso, percebemos que essa abordagem fundamenta o dialogismo como princípio fundamental da linguagem, de maneira que a interação é o processo que permite os sujeitos a digladiarem seus posicionamentos valorativos em torno das construções sócio-históricas que delineiam esse confronto.

Com base nessa conjuntura teórica, pudemos perceber que a leitura, como processo mediado pela linguagem, se filia à formulação bakhtiniana do processo de interação verbal. Nesse entendimento, pudemos definir uma concepção de leitura batizada por nós de dialógico-interacionista. Seu título, por si, indicia que o ato de ler se constrói dialogicamente, portanto delineado por embates ideológicos, num processo único e irrepetível, que é a interação. Assim, concebida nessa ótica, a leitura necessita de um leitor que interage responsivamente, isto é, que produz e negocia sentidos ao que lê, e não que repete o discurso do produtor. Nessa visada, o fluxo de informação é dialógico, porque os sentidos emergem das ideologias que circunscrevem a interação.

Entendemos, nessa esteira, que o conceito de letramentos, tal como preconizado por documentos oficiais que orientam o ensino de língua, a exemplo dos PCN e da BNCC, preconiza a leitura como prática social e, por isso mesmo, como um processo ideologicamente orientado de produção de sentidos, construídos responsivamente pelos sujeitos da interação.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 95-114.
- ANDRADE, F. R. da S. *Autoconceitos de leitura erigidos a partir de narrativas de vida de professores alfabetizadores*. 2019. 192 f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2019.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza da edição americana *Toward a philosophy of the act*. Austin: University of Texas Press, 1993. (tradução destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico).
- _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Huditec, 2006.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- BRAGGIO, S. L. B. *Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília/DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em 19 de agosto de 2018.
- CAVALCANTE, M. M. *Entrevista com Mônica Cavalcante*. Disponível em: <<https://goo.gl/CDDe9u>>. Acesso em 04 de março de 2019.
- FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2003.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2003.
- _____; MACEDO, D. *Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- KATO, M. *O aprendizado da leitura*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- KLEIMAN, A. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da leitura e da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- _____. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 5. ed. São Paulo: Pontes, 1997.
- _____. *Entrevista concedida a Cosme Batista do Santos e Maria Nazaré Mota de Lima*. Disponível em: <<http://www.poscritica.uneb.br>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2019.
- _____. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 375-400, jul./dez. 2010.
- KOCH, I. V. G.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- LEFFA, V. J. Interpretar não é compreender: um estudo preliminar sobre a interpretação de texto. In: LEFFA, V. J.; ERNST, A. (Org.). *Linguagens: metodologia de ensino e pesquisa*. Pelotas: Educat, 2012, p. 253-269.
- MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 115-131.

- NOVAIS, E. L. *A construção discursiva da (in)disciplina na perspectiva bakhtiniana: vozes, discursos e alteridade no contexto escolar*. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br>>. Acesso em 23 de setembro de 2018.
- SCHOLES, R. *Protocolos de leitura*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- SILVA, E. T. Concepções de leitura e suas consequências no ensino. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 17, n. 31, p. 11-19, jan./jun. 1999.
- SILVA, R. O.; ALMEIDA, M. de F. *Análise da interação verbal na teoria bakhtiniana*. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/viewFile/497/486>>. Acesso em 12 de setembro de 2018.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- _____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.
- _____. Ler, verbo transitivo. In: PAIVA, A.; PAULINO, G.; MARTINS, A. (org.) *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- STREET, B. V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução de Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Data de recebimento: 29/03/2020
Data de aprovação: 18/05/2020